



III° CPO

A VIDA E A ATIVIDADE MISSIONÁRIA
Mattli (Suíça), 1978

© Copyright by:
Curia Generale dei Frati Minori Cappuccini
Via Piemonte, 70
00187 Roma
ITALIA

tel. +39 06 420 11 710
fax. +39 06 48 28 267
www.ofmcap.org

Ufficio delle Comunicazioni OFMCap
info@ofmcap.org
Roma, A.D. 2016

Sommario

III° CONSELHO PLENÁRIO DA ORDEM A VIDA E A ATIVIDADE MISSIONÁRIA Mattli (Suíça), 1978.....	5
INTRODUÇÃO	7
Capítulo I° PRESSUPOSTOS.....	8
A. IGREJA E MISSÃO	8
B - NOSSA ORDEM NA MISSÃO DA IGREJA.....	10
Capítulo II° NOVOSCONTEXTOS	14
A MISSÃO EM UM MUNDO NOVO	14
1 - NOVO CONTEXTO ECLESIAL	14
2 - NOVO CONTEXTO SOCIOECONÔMICO E POLÍTICO	15
3 - NOVO CONTEXTO DE UMA SOCIEDADE PLURALISTA.....	18
Capítulo III° ORIENTAÇÕES.....	21
1 - REVISÃO DOS SERVIÇOS APOSTÓLICOS	21
2 - PROGRAMA DE SENSIBILIZAÇÃO E DE FORMAÇÃO	22
3- ALGUMAS OPÇÕES FUNDAMENTAIS	23
4 - PERSPECTIVAS DE COOPERAÇÃO	25
5 - ORGANISMOS DE ANIMAÇÃO.....	26
6 - PROBLEMAS ECONÔMICOS.....	26
7 - ADAPTAÇÕES JURÍDICAS	27
Conclusão.....	30

III° CONSELHO PLENÁRIO DA ORDEM A VIDA E A ATIVIDADE MISSIONÁRIA Mattli (Suíça), 1978

Irmãos caríssimos,

Com a presente, desejamos apresentar o Documento final do III Conselho Plenário. Considerando a preparação quase capilar feita mediante diligente pesquisa e o método de trabalho usado pelos Delegados de todas as Circunscrições da Ordem, podemos dizer que este Documento recolhe e elabora organicamente as contribuições mais construtivas de toda a Fraternidade para a adequada atualização de nossa vida e atividade missionária (Cfr. Const. 110, 5).

Aprovando esta síntese Final das reflexões do III Conselho Plenário da Ordem, estamos certos de oferecer a todos um precioso instrumento para renovar uma dimensão importante de nosso serviço de evangelização, segundo o espírito do Concílio Vaticano II e as exigências dos tempos e de nossa vocação franciscana.

O tema deste III Conselho Plenário da Ordem foi expressamente proposto nos últimos Capítulos Gerais. Por todos, então, fora percebida a necessidade urgente de melhor aprofundamento do mesmo. Por isso, o encontro de Mattli, além do valor da convivência fraterna, da troca de idéias e da mútua informação, quis ser resposta à explícita expectativa da Ordem perante uma série de questões e de novas realidades, nascidas em nossos dias, em um setor nevrálgico da evangelização. À luz da atual eclesiologia, de nossa identidade de frades menores capuchinhos e das diferentes situações do mundo, a resposta do Conselho Plenário da Ordem abre horizonte amplo de perspectivas e de soluções à Ordem.

É uma resposta que não pretende ser exaustiva e definitiva, uma resposta que deseja oferecer estímulo e pista de reflexão, para que se encontrem, com plena consciência e coragem, as justas atitudes no nosso serviço missionário de hoje.

Com a publicação do presente Documento, inicia-se a fase ativa do III Conselho Plenário da Ordem, que deve empenhar, com responsabilidade, a todos e a cada um de nós para estudar e concretizar quanto nos é proposto para renovar e atualizar nossa dimensão missionária.

Dirigimo-nos, portanto, a todos os nossos irmãos e, em primeiro lugar, aos Superiores, recomendando, calorosamente, que se promova, em todos os níveis, um estudo aprofundado deste Documento, a fim de que, aceitando o desafio que emerge dos "sinais providenciais dos tempos", possamos responder, adequadamente, ao nosso compromisso de homens evangélicos e evangelizadores.

Devotíssimos no Senhor:

Fr. Pascoal Rywalski, Ministro Geral;
Fr. Benedetto Frei, Vigário Geral;
Fr. José Carlos Correa Pedrosa, Definidor Geral;

Fr. Jacó Acharuparambil, Definidor Geral;
Fr. Francisco Xavier Toppi, Definidor Geral;
Fr. Fidélis Lenaerts, Definidor Geral;
Fr. Francisco Iglesias, Definidor Geral;
Fr. Aloísio Ward, Definidor Geral;
Fr. Teodósio Mannucci, Definidor e Procurador Geral.

Roma, 4 de outubro de 1978.

INTRODUÇÃO

1. Reunidos em Mattli, para o Conselho Plenário da Ordem (CPO), sentimos, acima de tudo, a necessidade e o dever de dirigir uma cordial saudação a todos vocês, irmãos missionários que, em todos os continentes, em situações frequentemente difíceis, carregam, com generosa dedicação, o peso e a alegria de nosso serviço de evangelização.

Conhecedores de seu trabalho, queremos manifestar-lhes com grande afeto o reconhecimento de toda a Ordem. Por seus sacrifícios e disponibilidade, vocês são, no meio do povo, um sinal eloquente de nossa presença de capuchinhos e verdadeiros anunciadores da esperança.

Por isso, dirigimos esta síntese de nossas reflexões como uma mensagem fraterna a toda a nossa Ordem, comprometida por carisma especial na missão da Igreja, de maneira particular a vocês, irmãos missionários, que fazem presente, em cada lugar, de modo concreto e eminente, a nossa missionariedade.

Fazendo sobressair alguns pontos mais importantes para o futuro da espiritualidade missionária da Ordem, gostaríamos de contribuir para desenvolver, em todos nós, a consciência apostólica e para dar um novo impulso evangelizador a nossos irmãos missionários e, através deles, uma nova esperança aos povos a quem é anunciada a boa nova.

2. Estudando nossa vida e atividade missionária no Conselho Plenário da Ordem, tivemos sempre diante dos olhos alguns elementos fundamentais:

- As perspectivas teológicas atuais da realidade missionária da Igreja e as exigências missionárias de nossa identidade franciscana (n.º. 4-5).
- Os contextos sócio-econômicos, políticos, culturais e religiosos do mundo contemporâneo, principalmente os que incidem em nosso empenho missionário (n.º. 16-31).
- Alguns problemas concretos de estrutura (pastorais e jurídicos) que dizem respeito a nossa tarefa missionária e requerem uma especial atualização (n.º. 32-50).

A primeira parte do documento, mais doutrinal, recolhe os princípios que deve dar forma a nossa espiritualidade e a nosso serviço missionário.

3. Depois da reforma das Missões capuchinhas, efetuada pelo Padre Geral frei Bernardo de Andermatt, e depois do impulso missionário dado por Pio XI, a atividade missionária da Ordem e da Igreja assinalou, por decênios, contínuos progressos. De alguns anos para cá, entretanto, a situação mudou. Vivemos em uma época de transição, difícil e complexa, mas que julgamos um desafio providencial cheio de esperança e de futuro.

O quadro político, o novo contexto eclesiológico, a mentalidade dos fiéis, os métodos pastorais marcam notavelmente o compromisso e a atitude missionária.

Nossa Ordem, sensível a esses "sinais dos tempos", percebeu nos dois últimos capítulos gerais a existência de um estudo aprofundado sobre esse problema.

Essa é a razão de ser deste Conselho Plenário da Ordem: ajudar a esclarecer nossas responsabilidades que emergem da situação atual e do futuro imediato da Igreja e do mundo.

"IDE POR TODO O MUNDO E PREGAI O EVANGELHO"

(Mc 16,15).

Capítulo I° PRESSUPOSTOS

A. IGREJA E MISSÃO

A MISSÃO DA IGREJA

4. Cristo Jesus, Evangelho de Deus e primeiro evangelizador, transmitiu a todos os seus discípulos, e radicalmente à comunidade que é a Igreja, a graça e a vocação de evangelizar. A mais profunda identidade da Igreja está em sua essencial Missão de Evangelizadora (EN 7, 3-16).

Tal evangelização consiste na proclamação da alegre notícia à humanidade. Realiza-se por meio do testemunho e do anúncio do mistério de Cristo e em colaboração com o Espírito, para que venha o Reino do Senhor, mediante a transformação do homem e a criação de um mundo novo de justiça e de paz.

É assim que a Igreja, Povo de Deus, através de sua missão evangelizadora, "desvela e ao mesmo tempo realiza o mistério do amor de Deus para com o homem" (GS 45; EN 18, 21,22).

AS "MISSÕES"

5. Essa missão da Igreja é una e única em sua essência, mas passa a ser múltipla e variada no desenvolvimento prático, porque precisa levar em conta as situações e os destinatários concretos da evangelização.

Neste sentido, o esforço missionário com "os mais afastados de Cristo" (os que não o reconhecem ou se acham em situação de descristianização, onde quer que se encontrem), representa a forma mais específica e privilegiada da evangelização, a tarefa prioritária da Igreja missionária (EN 51-52; AG 6).

Portanto, do ponto de vista teológico e existencial, esta preeminente atividade missionária da Igreja ultrapassa os limites estreitos do conceito tradicional das "Missões", conceito que tinha claras noções territoriais e administrativas.

Onde quer que haja irmãos fundamentalmente necessitados da fé explícita em Cristo, do primeiro anúncio da boa nova, aí se exerce a ação missionária por excelência.

OS MISSIONÁRIOS

6. Consequentemente, mesmo reconhecendo as conotações jurídicas ainda vigentes em alguns contextos das assim chamadas "Missões". consideramos missionários todos aqueles que, em qualquer continente ou país, ultrapassam por assim dizer as fronteiras da "comunidade cristã" para levar a mensagem de Cristo aos povos ou grupos de homens que, de fato, são os mais

"marginalizados do Reino". No tempo da cristandade, os mais marginalizados do Reino de Deus eram considerados "os sarracenos e outros infiéis", que estimularam o espírito missionário de São Francisco.

CONTEÚDO DA AÇÃO MISSIONÁRIA

7. O conteúdo da ação missionária é o anúncio, pela vida e pelas palavras, de todo o Evangelho ao homem em todas as suas dimensões.

A idéia e o objetivo essencial da mensagem evangélica é este: apresentar Jesus como realidade determinante para o indivíduo e para a sociedade, de um maneira crítica e construtiva.

Portanto, a evangelização comporta, inevitavelmente, implicações profundas em toda a vida do homem, porque seu escopo é salvar o homem, todo o homem, o homem concreto, levar-lhe o alegre anúncio de Cristo libertador, capaz de transformar, por dentro, todas as camadas da humanidade e de fazer de todo irmão um homem cristamente novo e livre. Livre antes de tudo do pecado e de sua raiz, o egoísmo, mas depois, também, de todas as consequências do pecado, como podem ser as situações e as estruturas desumanas e despersonalizantes, individuais ou coletivas, de qualquer tipo (socioeconômico, político, religioso, etc.) (EN 18, 29, 32).

"A obra da redenção de Cristo, que, por natureza, tem como finalidade a salvação dos homens, abraça também a instauração de toda ordem temporal. Por isso, a missão da Igreja não consiste só em levar aos homens a mensagem de Cristo e sua graça, senão também em penetrar do espírito evangélico as realidades temporais e aperfeiçoá-las" (AA 5).

EVANGELIZAÇÃO E PROMOÇÃO HUMANA

8. Por conseguinte, não existe, para nós, nenhuma contraposição entre salvação espiritual e desenvolvimento do homem, pelo contrário, existe uma integração de valores .

É certo que nossa ação missionária não se exaure na promoção, mas cria a promoção por seu fermento evangélico; exige-a, porque o homem é a imagem de Deus.

Por isso, devemos manter uma síntese justa entre evangelização e humanização ou promoção humana. Entre o extremo de uma redução do Evangelho à pura fé, ao culto e à salvação da alma, e o outro extremo de uma entrega radical aos problemas humanos e sociais até o emprego da violência e da revolução, devemos pregar a salvação integral, a libertação total do homem através de Jesus Cristo

Nossa obra de promoção e de desenvolvimento seja fruto de uma concepção clara do homem à luz da fé e da consciência de que não é alheio à evangelização o esforço para superar tudo que condena os homens a ficarem à margem da vida: carestia, doenças crônicas, analfabetismo, pauperismo, injustiça e opressão em todos os níveis. Escopo preeminente do evangelizador deve ser tudo que diz respeito à dignidade e integridade do homem (EN 30).

9. Nosso serviço deve ser dirigido, de preferência, aos irmãos que têm maior necessidade de promoção, tanto material como espiritual.

Por isso, nosso empenho missionário da evangelização integral deve ter, como objetivo urgente e prioritário, a dedicação ao serviço dos que, além do "afastamento de Cristo", sofrem toda espécie de escravidão e marginalização da sociedade.

Para isso não devemos omitir, se for o caso, uma prudente e corajosa denúncia evangélica -

com a própria vida e com a proclamação dos direitos da verdade e da justiça - depois de uma análise crítica dos fatos e dos contextos, à luz da fé.

De qualquer maneira, será preciso tomar um cuidado especial para não cair em equívocos ou compromissos que possam desnaturar a pureza de nossa mensagem e a contribuição específica de nossa ação como religiosos.

Nesse sentido, precisamos evitar, principalmente, dois graves riscos:

- a perda de uma sã liberdade evangélica, ligando-nos a formas culturais ou sócio-políticas relativas, contingentes e ou mesmo errôneas;

- a confusão de papéis, não respeitando a diversidade das tarefas e serviços dentro da Igreja. Nossa contribuição deve ser marcada sempre por uma clara fidelidade a nosso caráter e a nossos compromissos típicos de religiosos, responsáveis qualificados de uma missão bem precisa no meio do povo de Deus (EN 66 ss).

B - NOSSA ORDEM NA MISSÃO DA IGREJA

VOCAÇÃO FRANCISCANA IGUAL A VOCAÇÃO MISSIONÁRIA

10. Toda vocação franciscana é, fundamentalmente, missionária. O projeto evangélico de vida do franciscano implica, radicalmente, uma espontânea dimensão apostólica sem fronteiras. Como sem fronteiras é o Evangelho de Jesus: "Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura" (Mc 16,15; RnB 16 e 7).

São Francisco tinha compreendido, assim, sua vocação e a vocação de seus frades: "Deus escolheu e enviou os frades para o bem e a salvação das almas de todos os homens do mundo: não só nos países cristãos, mas também nos dos não crentes, eles serão acolhidos e conquistarão muitas almas" (Esp. Perf. 65; 1Cel 36; Leg Maior, 4,2).

Justamente por isso nossa Ordem é "uma fraternidade apostólica que cumpre, na Igreja, sua obrigação de serviço para com todos os homens" (Const. 144,4).

11. Entre os diversos modos de realizar o carisma apostólico da Ordem, há o de alguns frades que, vivendo como "homens evangélicos na verdade, na simplicidade e na alegria" (Const. 144-145), anunciam o Evangelho em um determinado ambiente: entre os que têm maior necessidade, porque vivem mais longe de Cristo (Cf. RnB 16).

Essa tarefa missionária não comporta, por si, nem uma vocação especial, diferente da vocação comum de todos os frades, nem um compromisso por toda a vida (RB 12,1; 2 Cel 152; Const 1536, 142).

No contexto histórico da Idade Média, a missão apostólica entre "os sarracenos e os outros infiéis" tinha as características "circunstanciais" de um ato moralmente heróico. Por isso, São Francisco, respeitando tanto a personalidade dos frades como a graça e a inspiração de Deus, quer segurança e garantia especiais. Compromissos desse tipo - então como hoje - requerem motivos claramente sobrenaturais e uma verificação acurada por parte dos responsáveis da fraternidade (2 Cel 152; RnB 16; Esp. Perf. 65).

Por outra parte, a tarefa missionária não supõe, por sua própria natureza, um compromisso "ad vitam" para o franciscano, embora possa ser vista como um "carisma" particular de alguns

frades. De fato, nem São Francisco nem nossa legislação (até as últimas Constituições) levantaram problema algum sobre a temporariedade do serviço missionário. De resto, a mudança das condições da atividade missionária, exigindo quase sempre um serviço subsidiário, oferecem uma ocasião providencial para fazer-nos viver, na prática, a característica franciscana da itinerância (AG 38 e 24).

12. A contribuição específica da atividade missionária do capuchinho realiza-se mediante a coerência pessoal e comunitária como nosso carisma de Irmãos e Menores, que consiste em encarnar, existencialmente, o Evangelho, revelando, com alegria e simplicidade, o amor do Pai para com os homens. Ser autênticos para ser acreditáveis.

Justamente porque o missionário deve servir os mais afastados da fé, seu anúncio deve ter especiais exigências pessoais, para garantir melhor a eficiência da mensagem.

Creemos que a presença-fermento do missionário deve ser caracterizado por:

- **fraternidade**: vivendo como verdadeiros irmãos entre nós mesmos e realizando formas de vida fraterna com os homens entre os quais trabalhamos;
- **minoridade**: vivendo como verdadeiros servidores de todos, humildes, pobres, respeitosos e pacificadores, simples no estilo de vida e no relacionamento com os outros;
- **experiência do Espírito na própria vida**: mostrando-nos em tudo verdadeiros "homens de Deus", prontos e disponíveis para qualquer inspiração divina, recebida diretamente ou através da vida e da realidade dos outros;
- **sensibilidade para os problemas na promoção integral**, para que nossa presença missionária seja verdadeiro estímulo para o desenvolvimento e para a justiça, para o diálogo e para a solidariedade;
- **radicalidade evangélica**: que nos leve-sempre à mais generosa disponibilidade, à aceitação da cruz e a um sadio pioneirismo, como resposta corajosa às mais urgentes necessidades dos homens e da Igreja.

ALGUMAS ORIENTAÇÕES PRÁTICAS

13. Em coerência com os traços fundamentais de nossa identidade franciscana, queremos acrescentar algumas linhas metodológicas para a vida e a atividade dos frades missionários:

- Antes de tudo, a regra áurea de São Francisco: Apresentar sempre a pregação viva da própria existência, mansa, pacífica, fraterna, de autênticos cristãos (Cf. RnB, 16, 5-7; EN 21, 41-42).
- Depois, tendo em conta a nossa condição de "irmãos" - abstraindo de todo o caráter clerical - procure-se valorizar as capacidades missionárias de todos os coirmãos, em função do carisma franciscano.

Em perfeita sintonia com nossa característica de "fraternidade apostólica" (Const. 144,3), procuremos programar e desenvolver as tarefas missionárias em íntima comunhão uns com os outros, mais como obra da fraternidade que de frades em particular, evitando atividades de individualismo e de falta de solidariedade. Verdadeiramente irmãos e unidos "para que o mundo creia" (Jo 17, 21-22).

- Fiéis às exigências de nossa minoridade, busquemos o coração das pessoas pelos caminhos do diálogo, do respeito, da escuta, da compreensão e da aceitação. Se somos portadores da mensagem e de certos valores, devemos, ao mesmo tempo, estar dispostos a aceitar a

mensagem e os valores que estão nos outros. Proclamar e saber escutar, humildemente, o Senhor através de tudo e de todos os irmãos. Por outra parte, nossa atitude minoritária facilita a comunicação e o trabalho com as pessoas, a exemplo de Jesus que se fez homem entre os homens para servi-los e salvá-los (AG 22,26).

- Imitando a tática pastoral de São Francisco, especialmente com os mais afastados da fé, saibamos reduzir o conteúdo de nossa catequese cristã ao núcleo essencial do Evangelho: o alegre anúncio de Jesus Salvador e o amor fraterno (RnB 16, 5-9).

- Não obstante a escolha sempre preferencial pela evangelização dos "pobres", não esqueçamos o exemplo de São Francisco proclamando a conversão, a verdade, o bem e a paz do Evangelho também aos poderosos e aos responsáveis pelos povos (RnB 9, 3-4; Leg. Maior 12, 8).

- Na vida e atividade dos frades missionários, São Francisco, por sua atividade pessoal e por suas palavras, quis ressaltar um elemento característico de nossa identidade minoritária: a disponibilidade para a cruz, para o martírio. Esse é o caminho e o método de uma autêntica evangelização cristã, como de Jesus (RnB 16,1; 1Cel 55-57).

14. A obrigação de corresponder ao compromisso missionário por parte da Igreja e por parte de todo discípulo de Jesus tem pleno valor ainda hoje.

Embora o Senhor reserve um julgamento de graça para os que não o conhecem explicitamente mas que se esforçam por viver segundo sua consciência reta, São Paulo sente o grave dever de evangelizar os gentios: "Ai de mim se não pregar o evangelho" (1Cor 9,16; Rm 1,14ss; LG 16) e será sempre atual a ordem de Jesus; "Pregai o Evangelho a toda a criatura" (Mc 16,15)

Por outro lado, a obra missionária é essencial para a Igreja, uma vez que sua razão de ser é testemunhar o mistério de Cristo e "revelar e comunicar a caridade de Deus a todos os homens e a todos os povos"(AG 10).

Do ponto de vista pessoal, todo discípulo de Jesus tem uma específica responsabilidade missionária: pela própria lógica da fé e pelo dinamismo intrínseco da própria experiência religiosa.

A fé explícita em Cristo Senhor nasce apenas através da comunicação direta aos que não a conhecem. "Como poderão crer sem ter ouvido falar? E como poderão ouvir falar sem quem o anuncie?" (Rm 10,14).

E a experiência cristã autêntica impele inevitavelmente a comunicar aos outros os valores e as riquezas da vida religiosa. A fé existencialmente vivida é necessariamente missionária. "O que vimos e ouvimos nós o anunciamos também a vós, para que também vós estejais em comunhão conosco. Nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo" (1Jo 1,3).

15. Por conseguinte, quanto mais alguém se consagra a Cristo e à Igreja, mais sentirá a obrigação de se empenhar pela causa de Cristo.

É por isso que os religiosos "encontram na vida consagrada um meio privilegiado para uma evangelização eficaz (EN 69). "Quanto mais fervorosamente se unem a Cristo por uma doação de si que envolve toda a vida, mais se enriquece a vida da Igreja e o apostolado toma-se mais vigorosamente fecundo" (CP 1).

Nosso carisma de franciscanos dá forma maior e especial ao zelo missionário vocação religiosa comum. Nossa missionariedade está impregnada pelo exemplo forte e existencial de São Francisco e é fruto de uma intensa experiência do "Espírito do Senhor e de sua santa operação" e da essência evangélica e apostólica do franciscanismo. Mas também é a expressão

espontânea e natural de nossa espiritualidade fraterna e minorítica. Se o conteúdo central da evangelização é o testemunho do amor do Pai e a fraternidade de todos os homens, revelada por Jesus (Cfr EN 26), nossa identidade nos leva logicamente ao serviço missionário: gesto fraterno justamente para com aqueles que mais têm necessidade de se sentirem filhos do Pai e irmãos de todos.

Por isso, é com razão que "nossa Ordem aceita como obrigação própria o múnus da evangelização ... e considera e assume o trabalho missionário como uma de suas mais importantes obrigações apostólicas" (Const. 174,3). Também é com razão que cada um de nós pode repetir com o Apóstolo: "Para mim, evangelizar é uma obrigação" (ICor 9,16).

"QUANDO OS FRADES FOREM PELO MUNDO ..." (RnB, 14).

Capítulo II° NOVOSCONTEXTOS

A MISSÃO EM UM MUNDO NOVO

16. Depois de sua "conversão", São Francisco resolveu "ir pelo mundo". Do mesmo modo, quis mandar seus irmãos pelo mundo segundo o modelo dos Apóstolos, em pobreza, com plena confiança em Deus Pai, levando por todos os lados a paz, não como fórmula de saudação mas como experiência de vida (Cf. RnB 14; Lc 9,10ss; Lc 19, 5ss).

Os frades que vão, hoje, pelo mundo, na forma mais radical, isto é, fora da Cristandade, "entre os sarracenos e outros infiéis" não podem ignorar que a atitude missionária mudou muito. Antes os meios clássicos eram igrejas, capelas, escolas, hospitais, etc. Hoje estão presentes também contextos novos, que exigem respostas e formas também novas.

Se procuramos descrever algumas dessas situações é para delinear concretamente qual poderia ser a resposta do frade menor. Tais situações verificam-se de modo típico, embora não exclusivo, nos continentes meridionais. As respostas sugeridas são fruto da experiência de muitos frades.

Se, em futuro próximo, a grande maioria dos católicos e da humanidade vai estar vivendo no assim chamado Terceiro Mundo, deve ser muito grande o estímulo de um frade para levar a dinâmica da esperança para esse mundo!

I - NOVO CONTEXTO ECLESIAL

IGREJAS PARTICULARES

17. Na diversidade dos contextos, que variam de país para país e que não podem ser reduzidos a um denominador comum, emerge a situação nova das Igrejas particulares ou locais.

A idéia foi elaborada teologicamente em muitos textos do Concílio e no período pós-conciliar. Enquanto o Vaticano I tinha acentuado a Igreja universal e sua centralidade, o Vaticano II, completando a teologia do Concílio precedente, pôs em evidência a doutrina do Episcopado e das Igrejas particulares: as dioceses, e como também as paróquias e as pequenas comunidades. Elas não só pertencem à Igreja, mas são Igrejas de Cristo (LG 26). Mesmo com sua autonomia parcial e as particularidades de sua teologia, liturgia e disciplina, formam todas juntas em união com as outras Igrejas sob o bispo de Roma a (Καθολική) "Katholiké", que é o resultado não só de uma estrutura jurídica quanto da unidade da palavra de Deus, no único sacrifício e na caridade, que se traduz em interesse e ajuda mútua.

Uma consequência prática e jurídica foi posta em evidência na Instrução da Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos ou Propaganda Fide, no dia 24/02/1969. Antes vigorava o "ius commissionis" de acordo com o qual determinados territórios eram confiados a determinados Institutos missionários, aos quais se entregava toda a responsabilidade. De agora em diante não são mais os Institutos missionários, mas as Igrejas particulares, as Dioceses que têm a responsabilidade de si mesmas, embora possam, naturalmente, tomar os

Institutos a seu serviço com base em contratos, como é previsto na mesma Instrução.

18. Nessa situação, os missionários transformam-se agora de fundadores dinâmicos de Igrejas em colaboradores, de homens da iniciativa e das decisões autônomas em homens do diálogo, da escuta e, em certa medida, da obediência e da disponibilidade. Devendo assim passar para a segunda ma e desapegar-se, o frade menor encontra-se em seu ambiente natural, tem a oportunidade de viver melhor sua identidade na disponibilidade e minoridade. Não se apresenta como superior nem como inferior, mas como irmão. Não se impõe, mas se dispõe. Não é mais tanto um "enviado" por parte de uma Igreja mãe com decisão unilateral, mas um "convidado" por parte de uma Igreja particular que tem necessidade e enquanto durar essa necessidade (Cfr. AG 20).

Nossos missionários compreenderam que o sentido de sua presença é formar líderes locais, clero, religiosos, catequistas, leigos empenhados no progresso social e político. Queremos encorajá-los a dedicar-se à formação das comunidades cristãs, a desenvolver nelas os diversos mistérios, dar-lhes maior responsabilidade e a se tomarem, pouco a pouco, supérfluos; permanecendo presentes de um modo mais espiritual, eles asseguram com sua presença a comunhão com as igrejas irmãs e com a Igreja universal, sob o Bispo de Roma.

Comportando-se como frades menores, estarão a serviço das igrejas locais, evitando ser um grupo de pressão dentro delas ou contra elas.

CAPUCHINHOS NO TERCEIRO MUNDO

19. Nossos frades deram sua contribuição para fundar as igrejas particulares nos três Continentes meridionais. Um aspecto particular de nossa presença é este: enquanto de 1922 a 1972 os capuchinhos, na maioria estrangeiros" aumentavam em "nossas Missões" de 594 para 1590 (média de 20 unidades por ano), de 1972 a 1977 os missionários estrangeiros passaram a diminuir em média de 30 unidades por ano. Mas foram substituídos por frades locais, permanecendo praticamente o mesmo total. Esse fenômeno é uma indicação clara da transformação de nosso tipo de presença.

2 - NOVO CONTEXTO SOCIOECONÔMICO E POLÍTICO

NOVAS SITUAÇÕES COMO UM DESAFIO

20. O Vaticano II não falou de Igreja e mundo, uma ao lado do outro. mas. de Igreja no mundo e de Igreja do mundo. "As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, principalmente dos pobres e dos que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo" (GS 1).

Nos últimos anos a situação da Igreja mudou em não poucos países. Muitos relatórios enviados por nossos missionários falam das dificuldades em que se encontram com os governos e que não sabem até quando vão poder permanecer ou se serão expulsos. É verdade que depois de tudo que se verificou em tempos não tão longínquos na China e com exceção de fatos isolados, até agora não houve outras expulsões; mas a simples insegurança do futuro basta para angustiá-los psicologicamente.

É certo que a Igreja não se pode permitir um eclesiocentrismo introvertido. De uma maneira

ou de outra tem que procurar viver neste mundo de hoje, sem saudades do passado e sem praticar um absentismo irreal. Cada situação é um novo desafio.

O frade menor aceita as novas realidades históricas em pobreza espiritual, com fé na Providência e com serenidade, mas também com um olhar crítico, e reage com coragem profética se for preciso, porque conserva a liberdade dos filhos de Deus e não tem medo. Ele sabe que não se trata simplesmente de salvar cada um dos homens nestas situações, mas de julgar as próprias situações à luz do Evangelho, de impulsionar para mudanças que favoreçam o advento do novo mundo de Deus e de vivê-los pessoalmente de modo exemplar e criativo.

ESTADOS AUTÔNOMOS

21. Nos últimos decênios, os chamados "países de missão", antes prevalentemente colônias, passaram a Estados autônomos. O missionário estrangeiro não goza mais da autoridade e dos privilégios do passado, mas também aqui passa para a segunda linha.

O frade menor aceita essa situação, não exagera nem critica as insuficiências dos Estados jovens (corrupção, tribalismo, incapacidade administrativa, etc.) mas se alegra pela ascensão desses povos para a dignidade e para a própria identidade. Reconhece que a descolonização também empurrou a Igreja em favor da promoção do clero autóctone e de maior tomada de consciência e de responsabilidade das comunidades cristãs. Ele é testemunha - depois da luta pela independência política - da luta pela independência econômica, da luta contra a ignorância, as doenças, a pobreza, para quebrar o círculo vicioso do subdesenvolvimento.

O frade menor sente-se solidário com os "menores" e participa, como animador incansável, no esforço do povo e do governo, tanto encorajando como colaborando na obra comum, sabendo que o esforço para livrar-se da miséria e para garantir uma vida humana de filhos de Deus, "não é estranho à evangelização" (Evang. Nunt. 30; Redemptor Hominis, 13-16).

SISTEMA DE SEGURANÇA NACIONAL

22. Em não poucos países da América Latina e do Extremo Oriente predominam regimes assim chamados de "segurança nacional", uma ideologia que subordina completamente os direitos fundamentais da pessoa às exigências da nação, ou melhor, de um grupo privilegiado, ligado ao capitalismo internacional. Esses Estados não querem de modo algum partilhar a riqueza com os pobres. Aplicam em tempo de paz a estratégia total do tempo de guerra para "manter a ordem", isto é, praticamente, para suprimir qualquer tentativa de insurreição contra as injustiças. Muitas vezes a classe dominante se confessa cristã e controla a religião, para impedir que sofra a influência de "idéias perigosas" ou "subversivas". Tais governos são um escândalo para o nome cristão. Muitos bispos e muitas Conferências Episcopais condenaram esses regimes caracterizados pela injustiça coletiva e pela violência institucionalizada.

O frade menor, em tal situação, prega todo o Evangelho, que também diz respeito à dignidade humana e à justiça. Não pode evitar todos os riscos. A missão sempre foi um risco.

Compete principalmente à hierarquia local e ao povo, não aos missionários estrangeiros, fazer protestos públicos, quando for o caso. Se os missionários estrangeiros julgarem dever dizer uma palavra, tomem sempre em fraternidade a decisão.

Há um modo franciscano de estar presente nas lutas sóciopolíticas, que é feito de intransigência e de fraternidade, de confronto e de espírito de paz. E todos precisam desse testemunho. Em tais situações, os frades procurem garantir a objetividade das informações.

Tenham compreensão para com os que no desespero, recorrem à violência, não sempre ditada pelo ódio, mas, muitas vezes também pelo amor da justiça. Mas eles, como franciscanos, optem por uma outra função: a de estar com Cristo na "kénosis" (κένωσις) da não violência e de confiar na força dos não-violentos. Participem ativamente, sem criar equívocos, nos movimentos de paz e nas organizações contra as injustiças das ditaduras de direita ou de esquerda (Redemptor Hominis, 17).

Nossas reservas diante dos países com regime de "segurança nacional" não querem ignorar a contribuição que eles tem dado ao desenvolvimento econômico.

O CAPITALISMO INTERNACIONAL

23. O mesmo vale para o sistema de capitalismo internacional, que com a vantagem mercado livre a competição sem limites e a busca insaciável de lucro. Muitas vezes não respeita os direitos fundamentais do homem, como o direito de receber do trabalho o que é necessário para a sua vida, direito a que a propriedade particular e o mercado livre deveriam estar subordinados (PP 22). Muitas vezes destrói o equilíbrio da ecologia natural e aproveita da economia dos países pobres condenando-os a serem cada vez mais pobres.

O missionário capuchinho procura fazer com que os pobres sejam conscientes e preparados para defenderem seus direitos. Por meio de um diálogo franco, os frades do Terceiro e Primeiro Mundo procurarão influenciar sobre as decisões dos governos e das sociedades multinacionais.

Essas breves indicações nos mostram que a teologia da redenção se torna, em muitas situações concretas, uma teologia da libertação e tem um forte impacto sobre as realidades socioeconômicas e políticas.

Essas perspectivas humanas e cristãs de libertação são as que devemos ter presentes diante de qualquer tipo de discriminação, como por exemplo o "apartheid", o problema das minorias, etc.

24. As conturbações políticas dos últimos tempos puseram a Igreja em confronto também com regimes marxistas. Mais da metade da Ásia e grande parte da África e da Europa, por exemplo, têm governos marxistas. O marxismo se impôs quase sempre como reação a duras condições feudais, colonialistas e capitalistas, e como movimento de libertação. Infelizmente, ainda não vimos em nenhum lugar uma revolução perfeita. No lugar das velhas injustiças entraram outras novas e o povo recaiu sob nova pressão e numa restrição inumana da liberdade.

O frade menor sabe que o marxismo, enquanto se apresenta como materialismo científico, nega a Deus e procura destruir a Igreja, a religião e o sentido do mistério do homem. Mas também acredita confiantemente que essa ideologia não há de prevalecer. Já temos a experiência histórica de que a Igreja pode sobreviver tornando-se mais evangélica e libertando-se de tantos condicionamentos tradicionais.

Portanto, a posição franciscana diante do marxismo consiste em:

- reavivar a fé no poder do evangelho e na graça de Cristo ressuscitado;
- permanecer com o povo, partilhando suas duras condições de vida e fazendo com que não percam a confiança filial no Pai;
- reconhecer as necessidades comuns e trabalhar pelo bem do povo em tudo que não for contra o Evangelho, na luta contra o subdesenvolvimento, e para que todos tenham condições

de vida dignas;

- não ser de maneira alguma representantes, contra o marxismo, do outro sistema (o capitalismo), mas ir por entre os marxistas e dialogar com eles, como São Francisco, apesar dos sistemas adversos de seu tempo, foi visitar o Sultão, conversou com ele de pessoa para pessoa e depois mandou os frades "por entre" os sarracenos, não contra eles;
- crer finalmente na bondade fundamental do homem e esperar que mesmo os marxistas sejam capazes de aprender com a história, isto é, com seus próprios erros, e de desenvolver uma interpretação mais adequada do homem e do mundo.

3 - NOVO CONTEXTO DE UMA SOCIEDADE PLURALISTA

- NOVO CONTEXTO CULTURAL

O PROBLEMA DAS CULTURAS

25. Enquanto a técnica ocidental está se tomando universal, as culturas dos diversos povos estão em um período de renascimento depois de séculos de europeísmo dominante. E verdade que o problema das culturas foi posto em segundo lugar, em favor do problema da revolução e da libertação da pobreza. Mas continua a ter grande importância porque o homem, além do progresso econômico, aspira a um ambiente cultural em que se possa encontrar como "em casa".

Um dos sacrifícios do missionário é renunciar. até certo ponto, a sua própria cultura e a seus próprios costumes, para se inserir quanto possível na língua e na cultura do povo. Ele há de apreciar seus valores culturais e cantará o Cântico das Criaturas diante do amor, do sentido comunitário, da dignidade, da alegria do povo: porque tudo foi criado por Ele e para Ele! Com essa interpretação teológica será mais fácil "encarnar" o Evangelho nas culturas, fazendo-o assumir formas locais para uma nova história (Evang. Nunt. 63).

NOVO CONTEXTO RELIGIOSO

LIBERDADE RELIGIOSA

26. Afirmamos que a Igreja tem o direito à liberdade religiosa e à possibilidade de pregar o Evangelho no mundo inteiro e que todo cristão tem liberdade de praticar a própria fé sem discriminação (EN 39). O outro aspecto da mesma liberdade religiosa e da consciência, afirmado pelo Documento conciliar "Dignitatis humanae" é o de que todo homem tem direito de seguir sua própria consciência. O cristianismo não deve ser imposto mas oferecido ao homem livre.

Também as jovens cristandades devem crescer e amadurecer para a liberdade evangélica e conseqüentemente para a tolerância generosa de uma pluriformidade legítima.

RELIGIÕES NÃO CRISTÃS

27. O tema das religiões não cristãs passou a ter importância de primeiro plano. Durante o período da hegemonia européia, o Cristianismo passava quase automaticamente como a única religião que merecia tal nome. Hoje as religiões chegaram a maior autoconsciência e precisamos rever muitas de nossas pretensões de outros tempos. Quanto mais aprofundamos no conhecimento das religiões por um verdadeiro contato e um autêntico diálogo, mais as apreciamos e admiramos, embora possamos ver nelas aspectos de pecado e de aberração.

Reconhecendo plenamente Jesus Cristo como único Salvador e a Igreja como sacramento universal de salvação, muitos teólogos admitem hoje que também as outras religiões podem ser caminhos de salvação e que Cristo já está em ação nelas por meio de seu Espírito. De fato, a misericórdia de Deus não põe nenhum limite e não faz nenhuma discriminação entre povos eleitos e não eleitos, "mas aceita quem o teme e observa a justiça, qualquer que seja a sua nação" (At 10,35).

O frade menor alegra-se com essa valorização do mundo religioso e louva o Senhor pelas maravilhas que opera no meio de todos os povos. Buscará portanto o diálogo e a oração comum para trocar os dons da experiência de Deus. Visitas mútuas, principalmente por ocasião das festas religiosas, serão um sinal da crescente fraternidade universal. Semelhante contacto abrirá também o caminho para iniciativas comuns entre todos os homens de boa vontade para maior justiça e paz no mundo.

28. Dessa maneira, diálogo e missão são dois momentos do caminho para Deus. Já não são uma alternativa. A atividade missionária não pode existir sem diálogo e do diálogo não se exclui a missão. O diálogo como tal tem seu próprio valor: dois homens de fé diferente encontram-se, abrem-se, apreciam-se, admiram-se, enriquecem-se mutuamente. Está nas mãos do Espírito do único Deus se desses encontros vão nascer o desejo é a possibilidade não só de trocas de experiência de Deus, mas também de mudança de fé.

ECUMENISMO

29. Se tais devem ser as relações com os não cristãos, quanto mais devemos colocar-nos em nova comunhão com os cristãos não católicos!

O ecumenismo, que emergiu com força na consciência da Igreja com o Papa João XXIII e com o Concílio, deu o impulso para superar o escândalo que os cristãos divididos exportaram para os povos que pretendiam evangelizar.

Estejam os capuchinhos entre os protagonistas da Igreja ecumênica! Todas as iniciativas comuns em plano local no campo social político, religioso devem ser encorajadas, mesmo sem negar a fidelidade às próprias crenças. São Francisco, tão apreciado cristãos não católicos, dê-nos sua linguagem e seu coração evangélico (Cf Const. 147, 4-5; 175,2; 176, 2).

A SECULARIZAÇÃO

30. A secularização não poupa nenhum dos continentes. Muitos cristãos, e também muitos adeptos das religiões não cristãs "emigram" dos próprios sistemas e culturas religiosas. Não passam a ser pessoas pura e simplesmente a-religiosas, mas abandonam muitas concepções, laços e mitos. Percorrem um caminho próprio e passam a ser "nômades religiosos".

A secularização é em si mesma um processo positivo que quer dar ao mundo da cultura e da ciência a legítima autonomia, mesmo sem negar a fé em Deus criador e o mistério último do homem (Evang. Nunt. 55; GS 59).

Os frades menores, com muito cuidado pela sensibilidade do homem moderno, perguntar-se-ão:

- que mitos ligados a concepções passadas do mundo, que formas, fruto da história, podem ser abandonadas sem trair o conteúdo da fé?
- Qual é o núcleo da mensagem evangélica que podemos anunciar em uma linguagem moderna?
- Como podemos libertar o homem da mentalidade mágica, da superstição da falsa busca de "graças e milagres?" (Evang. Nunt. 48).
- Como podemos promover os valores humanos - a objetividade, a honestidade, a coragem, a alegria, o amor, a fidelidade - e descobrir a dimensão transcendente em todas as realidades do mundo chamado "profano"? (Evang. Nunt. 70).
- Como podemos transportar a experiência bíblica para nossos tempos, convencidos de que a vida cristã tem seu lugar na história e não além dela, como experimentamos a proximidade de Deus no meio das lutas políticas e sociais e não em uma fuga imaginária para além delas?
- Como podemos, finalmente, caminhar com os "nômades religiosos" para interpretar sua existência e pronunciar no momento justo a palavra da salvação em sua vida?
- Não é também esse modo franciscano de "andar pelo mundo" hoje em dia?

O SECULARISMO

31. Fenômeno mais radical é o secularismo, que nega, com um ateísmo pragmático ou programático e militante, a própria existência de Deus. A situação nova da história da salvação é, de fato, esta: existem, nos países cristãos, indivíduos e grupos compactos de não praticantes, de não crentes (EN 55-56) diante deles a Igreja "deve procurar constantemente os meios e linguagem adequados para propor ou repropor a eles a revelação de Deus e a fé em Jesus Cristo" (EN 56). Portanto existem hoje em todos os países dos seis continentes "situações missionárias", que constituem um desafio tremendo para os que crêm.

O frade menor não deve ter medo dessa situação. Não teoricamente, mas por sua presença e testemunho, procure viver no meio desses irmãos verdadeiramente "afastados", procure eliminar muitos preconceitos, fazer nascer certas saudades da transcendência. A propósito, merecem reconhecimento especial, por exemplo, os frades que se ocupam do mundo operário ou os que se dedicam sistematicamente a fazer visitas a domicilio nas grandes cidades, etc. Mas todos os frades podem, através de sua pregação e da animação de grupos, fazer os cristãos conscientes de que não são tais, só para si mesmos, mas também para os outros, para dar um testemunho de vida em que as massas secularizadas e indiferentes possam acreditar.

"O ESPÍRITO DA VERDADE VOS CONDUZIRÁ"

(Jo 16,13)

Capítulo III° ORIENTAÇÕES

LINHAS DE AÇÃO

32. Tudo que foi dito até agora deve ser aplicado praticamente na renovação de nossas atitudes e de nossas obras missionárias. Nova teologia das missões, novos princípios informadores e novas situações do mundo e da Igreja exigem maneiras diferentes e renovadas de viver a ação e a cooperação missionárias.

Nesta terceira parte indicamos algumas linhas de ação para nos ajudarem a responder melhor às exigências atuais de nossa dimensão missionária.

O "Espírito de verdade" conduzirá cada um de nós nessa renovação e nos ajudará a inserir estas sugestões nas diversas realidades sócio-religiosas em que somos chamados a viver.

33. Cremos que este Conselho Plenário da Ordem é um ponto de partida para uma impostação atualizada de nossas tarefas missionárias, e queremos, portanto, convidar todos os nossos confrades a uma reflexão atenta sobre os pontos que emergiram neste encontro privilegiado em nível de toda a Ordem.

Que o presente documento seja objeto de estudo e de aprofundamento por parte de todos e particularmente por parte de nossos missionários, de modo que venha a servir realmente para uma visão de sua vida e de sua obra.

1 - REVISÃO DOS SERVIÇOS APOSTÓLICOS

34. Uma primeira consequência prática será o dever de rever, em todos os níveis, nossa ótica pastoral e nossos serviços à Igreja e ao mundo de hoje em função das exigências características de nossa missionariedade.

- Que toda a Ordem, em suas propostas e decisões, mostre ter acolhido o valor e a dimensão verdadeira da idéia missionária. Sinta-se testemunha e evangelizadora da boa nova em todos os seus membros; sinta-se universal e católica por um trabalho cuidadoso de difusão de seu patrimônio espiritual e de seu carisma minorítico, como contribuição especial para o desenvolvimento da Igreja local.

- As Províncias, por sua vez, devem rever com honestidade seus compromissos apostólicos na perspectiva da realidade missionária. A missão, qualquer que seja o modo ou o lugar de sua realização, esteja no coração da Província.

- A diminuição do pessoal nos obriga, talvez providencialmente, a rever nossa presença e nossos compromissos missionários. Dedique-se o frade missionário ao seu trabalho específico, deixando os outros ofícios e encargos, às comunidades cristãs e aos diversos

colaboradores.

2 - PROGRAMA DE SENSIBILIZAÇÃO E DE FORMAÇÃO

SENSIBILIZAÇÃO

35. Para responder adequadamente e com elementos cada vez mais válidos a esta grande tarefa apostólica da Ordem, é preciso planejar um serviço permanente de sensibilização e de formação missionária de nossos frades.

A idéia da missão deve estar presente na vida, no trabalho e na oração de nossas Províncias. Uma Província que não tivesse espírito missionário estaria destinada a se enfraquecer e a desaparecer.

Tal espírito missionário deve manifestar-se principalmente pela consideração de que os compromissos missionários estão entre os principais deveres apostólicos da Província.

Tendo desaparecido a idéia das "nossas missões" e das "missões-territórios", é importante que todos procurem assimilar e aprofundar as novas perspectivas no espírito de comunhão e de serviço às igrejas particulares (Const. 176,7; 174,3).

Faça-se com que todos compreendam, através de um estudo bem feito, a dimensão missionária da nova eclesiologia, os caminhos mais hoje no passado.

As novas situações pessoais e apostólicas nos obrigam a ver o serviço missionário com base na qualificação e na preparação.

Não devemos estar contando o número dos missionários da Província, mas pensar em suas qualidades e em sua preparação.

Para uma obra eficaz de sensibilização, façam as Províncias um intercâmbio de pessoas preparadas e experimentadas nesse campo. Por essa troca eclesial e fraterna de valores e de serviços, será mais fácil renovar o espírito missionário em nossa Ordem.

A FORMAÇÃO

36. Para garantir esta dimensão missionária é indispensável, tanto na Ordem como nas Províncias, que se promova uma formação e uma atualização no que diz respeito aos temas e aos problemas missionários, tanto para todos os nossos frades como para os que, de fato, estão realizando em qualquer lugar este importante aspecto de nossa vocação apostólica.

Para isso:

- providenciem nossas Províncias um aprofundamento teológico e espiritual do aspecto missionário de nosso carisma franciscano, para chegarmos a uma renovação apostólica autêntica;

- nossos educadores, sensíveis aos valores apostólicos de nossa identidade religiosa, procurem formar os jovens candidatos dando relevo às exigências doutrinárias e práticas dos problemas missionários e suas repercussões sobre nossa vida de franciscanos; principalmente no ensino da teologia é importante que façam sobressair as dimensões missionárias, como quer a Igreja (AG 39);

- para todos sejam proporcionados cursos de estudo e de atualização permanente sobre a teologia missionária, sobre a catequese e a evangelização, dando uma informação bem documentada sobre os compromissos missionários da Ordem;
- procurem dar aos frades uma boa informação, para que sejam sensíveis aos problemas internacionais e da independência sócio-econômica, política, cultural e, em geral, humana, dos diversos povos na perspectiva da obra evangelizadora da Igreja e do esforço de nossos missionários;
- Sejam os frades convenientemente informados sobre os documentos da Santa Sé, da Ordem e das Conferências episcopais referentes ao assunto missionário, e sirvam-se deles para estudar e refletir.

37. Requer especial cuidado a formação dos frades missionários:

- Em primeiro lugar, os frades destinados ao serviço missionário devem ter uma preparação específica e adequada quanto aos aspectos religiosos, antropológicos culturais, socioeconômicos, políticos e históricos dos grupos humanos junto aos quais pretendem desenvolver seu trabalho de evangelização. Essa preparação pode ter várias formas como: estudos especializados antes de partir, um período de convivência com sacerdotes e religiosos qualificados do lugar, estudos acadêmicos (preferivelmente feitos no lugar de trabalho), um sério programa de orientação desenvolvido pelos próprios missionários ou mesmo em colaboração com outros Institutos e com a Igreja local, etc. De qualquer forma, não sejam os novos missionários lançados ao apostolado direto, se não tiverem adquirido antes uma boa preparação no próprio campo onde vão desenvolver seu trabalho de evangelização.
- As Províncias devem ter especial cuidado com a formação permanente dos missionários que já estão comprometidos com o trabalho apostólico.

Essa atualização deve levar em conta os diversos aspectos da pessoa: humanos, religiosos, intelectuais, profissionais, etc., uma vez que os missionários são chamados a ser não apenas pastores mas também formadores.

Há muitas ocasiões para essa "formação contínua":

- Dias de espiritualidade, de convivência e de estudo, organizados periodicamente;
- Cursos monográficos de especialização no lugar;
- Durante o período de férias, cursos escolhidos sobre matérias teológicas de espiritualidade franciscana, pastoral, ou outros temas, úteis para a formação pessoal ou em função direta do próprio trabalho missionário;
- O assim chamado "ano sabático", depois de um certo período de atividade missionária, para um programa prolongado e sistemático de formação permanente e de renovação espiritual.

3- ALGUMAS OPÇÕES FUNDAMENTAIS

38. As novas perspectivas do trabalho missionário obrigam-nos à coerência da vida e atividade apostólica com algumas opções fundamentais. Ressaltamos aqui três especialmente importantes: autenticidade franciscana, implantação da Ordem e escolhas pastorais.

AUTENTICIDADE FRANCISCANA

A garantia e a autenticidade de nosso trabalho missionário dependerão, fundamentalmente, da fidelidade evangélica à nossa vocação franciscana.

Nossos missionários procurarão apresentar, antes de tudo, uma verdadeira imagem de homens de fé e de homens de oração. Sua existência será uma pregação viva se estiver ancorada numa comunhão ininterrupta com Deus através de uma vida de oração perseverante e coerente, transparência do Espírito, agente principal e termo da evangelização (Cf. AG 25; Evang. Nunt. 41; Const. 45; II CPO sobre a Oração).

Assim será mais fácil mostrar também a todos a verdadeira imagem de homens pobres, menores e autenticamente fraternos. O aspecto comunitário, típico de nossa profissão de "irmãos", seja vivido com profunda dedicação pelos missionários, apesar das dificuldades materiais inerentes aos compromissos e aos lugares de trabalho. O valor da vida fraterna e a possibilidade de vivê-la efetivamente deverão ser sempre salvaguardados.

IMPLANTAÇÃO DA ORDEM

39. A nova dimensão das Igrejas particulares e a análise da situação estatística (diminuição dos missionários estrangeiros; aumento das vocações locais) fazem-nos dar especial atenção ao trabalho das vocações autóctones.

Para que a obra de evangelização e edificação da Igreja local seja cada vez mais eficaz, criem-se centros de irradiação de nossa espiritualidade e de nossa vida franciscana.

Todos os frades devem se interessar pela implantação da Ordem e serão escolhidos para a formação dos candidatos os homens mais preparados e sensíveis, não devendo haver hesitação para isso em tirá-los da obra direta da evangelização.

No espírito de nossa disponibilidade e da pluriformidade, não sejam criadas grandes obras de implantação da Ordem, mas, sejam fundados centros de vida franciscana. Quando for possível, isso seja feito numa exemplar colaboração entre Províncias e regiões. Assim a nova realidade capuchinha será sinal da comunhão de toda a Ordem e não marca exclusiva de eventuais divisões históricas ou geográficas.

A Ordem deverá ter uma especial estratégia apostólica e espiritual para poder colocar a implantação da Ordem nos pontos nevrálgicos da vida e do espírito do mundo novo.

ESCOLHAS PASTORAIS

40. Sem pretender apresentar um elemento completo das escolhas pastorais mais importantes hoje em dia (e deixando de lado a pluriformidade dos contextos e situações) queremos destacar algumas:

- **Sagrada Escritura:** São Francisco deixou-nos um exemplo admirável de zelo pela palavra de Deus. Em nossa atividade missionária cabe um papel todo especial à Sagrada Escritura, que deve ser a "magna carta" e fundamento de nossa evangelização. Coloquemos por isso em primeiro lugar a difusão da Bíblia, traduzindo-a, se for necessário e ensinando a lê-la e a vivê-la em colaboração ecumênica (Cf. DV 22).

- **Evangelização e sacramentalização:** faça-se sempre uma síntese concreta entre evangelização e sacramentalização. Os sacramentos devem ser vistos como um termo de um cuidadoso e laborioso itinerário de evangelização. A evangelização, além disso, não termine com a recepção dos sacramentos, mas, por uma catequese constante, continue a vivificar os

sacramentos já recebidos (Cf. Evang. Nunt. 47).

- **Piedade popular:** embora reconhecendo a necessidade de fazer sobressair os valores essenciais da fé, reconhecemos também o valor da piedade popular (Cf. Evang. Nunt. 48). Purificada de elementos malsãos e de desvios, ela pode constituir um caminho de experiência de Deus. Não nos esqueçamos de que São Francisco celebrou o Natal com um grupo de pessoas simples e que promoveu a devoção medieval da Paixão. Daremos liberdade à espontaneidade do povo, cuidando que essas manifestações populares alimentem a fé, a esperança e a caridade (Const. 12,3; 60,4; I CPO, 1-15).

- **Serviço dos pobres:** escolhamos uma vida pelos pobres e com os pobres. Nosso primeiro esforço será fazer tudo para libertá-los de sua pobreza por uma promoção humana correta. Por outro lado, teremos muito que aprender dessa gente simples. Louvamos os irmãos que decidiram estar mais próximos dos pobres e partilhar com eles o peso diário da pobreza. É assim que se há de prolongar a sadia tensão entre as estruturas e as exigências da pobreza, que atravessa toda nossa história.

- **Comunidades cristãs de base:** essa experiência foi recomendada a toda a Igreja no Sínodo dos Bispos de 1974. Há uma grande pluriformidade de semelhantes movimentos, nascidos dos próprios leigos comprometidos em criar cristãos autênticos que vivam a palavra de Deus, com um profundo senso comunitário e procurem transformar o mundo, partindo do interior de suas estruturas. Nós, irmãos menores, próximos do povo e sensíveis a suas expressões de fé espontânea e de espiritualidade bíblica, poderemos participar desses grupos com o espírito animador de São Francisco.

- **Fraternidade franciscana Secular:** não nos esqueçamos de que a Fraternidade franciscana secular foi reconhecida pela Igreja "como um fermento de perfeição evangélica" (Const. 151,1). Estimando e valorizando os carismas de tantos irmãos e irmãs, uma reciprocidade de espírito e de serviço, contribuiremos para o amadurecimento de uma comunidade de fé e de amor, dotada de especial eficácia evangelizadora, como desejava São Francisco e como esperam os homens de hoje.

4 - PERSPECTIVAS DE COOPERAÇÃO

41. Em decorrência da nova impostação da atividade evangelizadora, devem ser renovadas também as nossas perspectivas de cooperação.

- Dever-se-á solicitar e favorecer por todos os meios a cooperação nos diversos campos de trabalho missionários e nos diversos serviços entre as Províncias no âmbito das regiões e nas Igrejas locais. No espírito de nossas Constituições, queremos recomendar uma fraterna intercomunhão também no que diz respeito ao pessoal no interior da Ordem, para ajudar eficazmente os setores mais necessitados de nossa atividade missionária, Queremos solicitar também uma colaboração e nas mais oportunas, com todas as famílias franciscanas masculinas e femininas.

- Recordamos também que uma Igreja particular não pode dizer-se implantada em sua inteireza se não existir uma pluralidade de experiências e de dimensões espirituais; pluralidade de que são portadores os diversos Institutos. Por isso é desejável a pluralidade de presenças no mesmo ambiente missionário. Isso comporta a diminuição dos "blocos" de presença, que às vezes o crescimento das diversas expressões da Igreja particular,

- Queremos ressaltar a necessidade de corresponsabilização dos leigos, em todos os níveis, em nossa obra de evangelização: leigos estrangeiros, espiritual e tecnicamente formados, e aceitos para uma tarefa especial; leigos autóctones e formados para o serviço em suas Igrejas particulares.

- Não basta nossos missionários trabalhem muito e com muitos sacrifícios *pelos* outros. É preciso que trabalhem *com* os outros. Por isso nada façam ou planejem sem a Igreja local ou fora dela.

- A atividade e cooperação missionária não têm "sentido único". Também as Igrejas jovens tem uma mensagem para oferecer às Igrejas antigas e às nossas Províncias, enriquecendo-as com seus trabalhos religiosos, culturais, sociais e políticos, etc. O agente principal dessa "missão ao revés" ("reverse mission") é o missionário. Em seus retornos periódicos à Província, ele terá uma boa oportunidade para exercer esse excelente trabalho de cooperação intereclesial.

5 - ORGANISMOS DE ANIMAÇÃO

42. Os Secretariados "para as Missões" devem ser principalmente centros de animação missionária e intereclesial.

Sejam colocados à sua frente frades preparados e sensíveis, que se dediquem a um trabalho de estudo, documentação, pesquisa e animação.

Tal animação se faz tanto dentro da Ordem como nas Igrejas particulares em que vivemos: nos grupos, nas paróquias, pelos meios de comunicação e em todo ambiente e organização civil ou religiosa.

Nossa obra de animação seja entrosada na Igreja local e confiada, quanto possível, a mais de uma pessoa, a uma equipe ou a uma fraternidade disposta a esse serviço.

Na apresentação da propaganda missionária devem ser evitadas as formas pouco respeitadas. Não concorremos para a formação de uma consciência missionária usando certas mensagens absolutamente inoportunas e inadequadas para o crescimento de um povo e de uma igreja particular. As exposições os dias de animação, as publicações... ressaltem a mensagem dos valores autóctones dos povos entre os quais vivem, e os missionários.

Além das tarefas normais, nosso Secretariado Geral "para as missões" seja também um centro de pesquisas, de animação e de documentação a serviço dos Superiores Gerais e de toda a Ordem, para uma presença missionária no mundo e para que haja entre nós uma sensibilidade missionária cada vez mais profunda e autêntica.

As ajudas financeiras que nossos Centros podem destinar às "missões" sejam distribuídas, de acordo com os Superiores, após uma conveniente programação, que leve em conta as diversas necessidades.

6 - PROBLEMAS ECONÔMICOS

43. Todos estão de acordo em que o problema econômico não é um dos mais urgentes e preocupantes. Aliás, em alguns lugares e em algumas circunstâncias, a grande disponibilidade de meios causou danos: casas em desacordo com o ambiente em que foram situadas; obras

desproporcionadas que se revelaram inúteis e tiveram que ser fechadas, meios de comunicação excessivos, técnicas não sintonizadas com o ambiente, nível de vida muito diferente do que tinham as pessoas com quem fomos chamados a conviver, etc ...

No relacionamento com as Igrejas locais, nossos missionários devem colocar-se na mesma linha dos outros missionários: ter auxílios e subsídios, contratos e compromissos temporários.

A administração e a programação das iniciativas sejam acertadas em comum e não reservadas só ao superior ou, menos ainda, a cada religioso. Nosso voto de pobreza nossa profissão minorítica têm uma validade toda especial para cada um de nós: por isso desaprovamos o pecúlio pessoal e toda despesa ou obra que for decidida e financiada em particular.

Aplaudimos as "missões" em que, todos, os anos ou até mais de uma vez por ano, os missionários se encontram para tomar decisões comuns sobre as despesas, o apostolado, os meios de comunicação, os edifícios e a vida de cada dia.

Não se preocupe o missionário em fazer obras grandiosas, mas obras modestas e autossuficientes, de modo que, quando tiver que ir embora, elas possam continuar sem dificuldades especiais e sem necessidade de ulteriores financiamentos.

Por outro lado, na perspectiva de uma autêntica promoção, o missionário não deve esquecer as grandes possibilidades que tem de despertar a vontade do povo para um "desenvolvimento comunitário", que será possivelmente mantido também pelos grandes organismos de cooperação internacional.

7 - ADAPTAÇÕES JURÍDICAS

44. As nossas reflexões nas páginas procedentes levam a algumas conclusões de ordem jurídica, que não podemos deixar de lado, porque são como que a encarnação concreta do que pensamos e de tudo que foi dito nos números 32-34 deste Documento.

Eis, portanto, algumas conclusões que o conselho plenário da ordem apresenta, de acordo com as respectivas competências, ao Definitório Geral e ao Capítulo Geral, para uma reestruturação concreta de nossa presença na atividade missionária.

MISSÃO E PROVÍNCIA

Nossas atuais "Missões" sejam transformadas em Vice-Províncias ou Províncias, eventualmente também pela fusão das Vice-Províncias e Missões vizinhas, quando isso for possível, a juízo do Definitório Geral, tendo presentes os números 98,3 e 99,1 das Constituições.

Se a Missão for uma só, dirigida por uma só Província em uma única região, a passagem a Vice-Província, ou a Província pode ser muito fácil, porque os elementos constitutivos não mudam.

Mas é bom lembrar que de fato deve mudar a mentalidade e a psicologia dos missionários. Passa a existir uma entidade nova, que deve procurar mais incisivamente sua própria identidade de Igreja local, em todas as suas dimensões, incluindo a "implantatio Ordinis". Todos os missionários estrangeiros deveriam incardinar-se na nova entidade jurídica, como verdadeiros membros, sempre com a liberdade de voltar, no futuro e se quiserem, à sua Província de origem.

Tratando-se de Vice-Província, seu relacionamento com a Província já está contemplado nas Constituições, porque nesse caso a nova Vice-Província continua a depender da Província.

Se duas ou mais Províncias têm Missões na mesma região, dever-se-ia criar uma única Vice-Província ou Província, que no primeiro caso, será dependente do Ministro Geral.

Uma vez que há diversas Províncias interessadas, deverão ser representadas no Conselho da Vice-Província, além do grupo dos frades autóctones, também os grupos dos missionários estrangeiros, para uma coordenação e também para o relacionamento com cada uma das Províncias. Poder-se-ia também estudar uma espécie de sistema regional e estabelecer mediante contrato as relações com as Províncias.

Se diversas Províncias trabalham na mesma Missão, crie-se também uma única Província ou Vice-Província, dependente do Ministro Geral.

O Conselho da Vice-Província seja composto de tantos Conselheiros quantos são os grupos existentes.

Também neste caso, todos os membros deveriam pertencer à nova Vice-Província, com liberdade de poder voltar para a Província de origem quando desejarem.

Faça-se igualmente um contrato para regulamentar o relacionamento entre a Vice-Província e as Províncias colaboradoras, tanto no que diz respeito ao pessoal como no que toca às finanças e outros assuntos.

CUSTÓDIAS

46. As missões que não podem ser erigidas como Vice-Províncias ou Províncias sejam chamadas Custódias, por proposta do Conselho Plenário da Ordem. Entretanto esse termo não poderá ser introduzido enquanto o Capítulo Geral não tiver se pronunciado a respeito.

Sua figura jurídica continua a ser a das atuais Missões nas Constituições.

DELEGAÇÕES

47. As Delegações que se encontrarem em uma região onde já existem Províncias ou Vice-Províncias (Custódias), sejam integradas a esses organismos existentes. Mas as Delegações que se encontrarem em regiões onde não houver estruturas da Ordem, serão chamadas Custódias.

O Custódio terá as faculdades que lhes forem concedidas pelo Padre Geral ou pelo Padre Provincial, de acordo com a dependência.

Os Superiores Gerais são exortados a não permitir mais esse tipo de presença quando não houver garantias de se poder levar uma verdadeira vida fraterna e não houver perspectivas de desenvolvimento nem para a vida e a atividade apostólica nem para a implantação da Ordem.

48. Além disso, há em diversas regiões grupos de frades, que não são Delegações propriamente ditas mas vivem de fato fora da Província e dentro de outras Províncias ou Vice-Províncias, sem depender de seus Superiores. Seu afastamento dos próprios Superiores e confrades e a não dependência dos Superiores do lugar onde vivem, impede a esses nossos irmãos de usufruir dos muitos benefícios da vida em fraternidade. Parece-nos oportuno que também essas situações sejam levadas em consideração pelos Superiores Maiores em vista de uma solução.

PRIORIDADE DOS COMPROMISSOS MISSIONÁRIOS

49. Tenham prioridade os compromissos missionários já existentes, mas fazendo um exame crítico da situação real dos mesmos, de maneira que não se impeça a possibilidade de assumir compromissos também em outros lugares, principalmente para a implantação da Ordem.

Conclusão

50. Concluindo este trabalho, dirigimos nosso agradecimento e nossa prece a Cristo Jesus, sacerdote eterno e missionário do Pai.

Pode ser que nem tudo que dissemos nessa mensagem corresponda à realidade que conseguimos viver no dia a dia, mas é uma perspectiva para acolher, um caminho para percorrer, uma meta para ser alcançada.

Também quer ser um exame de consciência do trabalho realizado, um ato de humildade diante de nossas limitações.

Quer ser um ato de fé em nossa capacidade de renovação e de doação total, de acordo com os "sinais dos tempos", ao serviço de Cristo e dos irmãos, dos povos e das Igrejas que tiverem necessidade.

Confiamos estes planos de vida a Maria Santíssima, que nos deu o "Filho do Homem" e, com Ele, deu a toda a humanidade uma nova esperança, de que somos os beneficiários, os evangelizadores.

Sommario

III° CONSELHO PLENÁRIO DA ORDEM A VIDA E A ATIVIDADE MISSIONÁRIA Mattli (Suíça), 1978.....	5
INTRODUÇÃO	7
Capítulo I° PRESSUPOSTOS.....	8
A. IGREJA E MISSÃO.....	8
B - NOSSA ORDEM NA MISSÃO DA IGREJA.....	10
Capítulo II° NOVOSCONTEXTOS	14
A MISSÃO EM UM MUNDO NOVO	14
I - NOVO CONTEXTO ECLESIAL	14
2 - NOVO CONTEXTO SOCIOECONÔMICO E POLÍTICO	15
3 - NOVO CONTEXTO DE UMA SOCIEDADE PLURALISTA.....	18
Capítulo III° ORIENTAÇÕES.....	21
1 - REVISÃO DOS SERVIÇOS APOSTÓLICOS	21
2 - PROGRAMA DE SENSIBILIZAÇÃO E DE FORMAÇÃO	22
3- ALGUMAS OPÇÕES FUNDAMENTAIS	23
4 - PERSPECTIVAS DE COOPERAÇÃO	25
5 - ORGANISMOS DE ANIMAÇÃO.....	26
6 - PROBLEMAS ECONÔMICOS.....	26
7 - ADAPTAÇÕES JURÍDICAS	27
Conclusão.....	30



www.ofmcap.org